



Uma possibilidade de futuro

Desenvolvimento Série Estudos Rurais lança obra do russo Alexander Chayanov que discute o cooperativismo como uma alternativa para a organização dos trabalhadores do campo

FLÁVIO DUTRA/ARQUIVO JU - AGO/2013



A Editora da UFRGS e o Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR) publicaram em 2017 o livro do russo Alexander Chayanov *A Teoria das Cooperativas Camponesas*, pela primeira vez traduzido ao português. A edição faz parte da série *Estudos Rurais*, que tem como objetivo oferecer ao público obras de relevância para estudos da área.

Chayanov nasceu em Moscou em 1888. Atuou como agrônomo,

economista e escritor e tornou-se importante teórico na área de desenvolvimento rural. Preso pelo regime stalinista em 1931, foi fuzilado seis anos depois, mas deixou relevante legado teórico. Em 1966, passou a ganhar projeção internacional com a publicação, nos Estados Unidos, de *The theory of peasants economy*, tradução de um de seus mais importantes escritos. No ano de 1987, ainda no regime soviético, foi oficialmente reabilitado e

teve a importância de suas ideias reconhecida.

A obra lançada pela Editora da UFRGS é uma tradução da segunda versão de *As ideias básicas e as formas organizacionais da cooperação agrícola*, de 1927, uma redução da original, escrita em 1919. À época de sua publicação, ainda se discutia quais os rumos que tomaria o novo regime soviético após a revolução. O tema do cooperativismo era de suma importância, posto que,

desde o início da década, crescia exponencialmente em adesão, chegando a atingir a marca de 35.200 cooperativas registradas no Império Russo em 1915. Estimativas da época dão conta de que cerca de 60 milhões de pessoas, ou um terço da população do país, faziam parte ou estavam na zona de influência das cooperativas.

O professor do PGDR Sérgio Schneider, editor-chefe da série *Estudos Rurais*, acredita que o livro, mesmo às vésperas dos 100 anos de sua produção, mantém uma atualidade interessante. Segundo ele, vivemos uma época em que se procura superar a velha dicotomia entre capitalismo e socialismo, dois modelos que acredita terem provado não responderem aos anseios de desenvolvimento econômico aliado à inclusão social, sendo o cooperativismo uma alternativa que tenta unir conceitos das duas teorias. Enquanto preserva a propriedade dos meios de produção e incentiva a concorrência e o livre mercado, prevê a manutenção de relações de produção solidárias e inclusivas. “O livro é uma contribuição para todos que pensam

que outra sociedade é possível, um mundo mais solidário, mais colaborativo, com menos desigualdade, mais inclusivo e sustentável. É uma referência chave para quem tem esse tipo de utopia, que pode representar a construção de iniciativas e práticas concretas”, comenta

Outra pauta moderna em que a teoria do autor russo pode auxiliar, segundo Sérgio, é a construção de uma agricultura mais saudável. O docente reforça que, ao fortalecer pequenos produtores, o cooperativismo auxilia também os consumidores que terão maior facilidade em encontrar produtos orgânicos, enfrentando assim não apenas uma forma de organização social desigual, mas também uma produção de alimentos que pode ser ofensiva à saúde da população. “Eu não tenho dúvidas de que, em 2050, teremos uma agricultura completamente diferente da de hoje. Com consumidores capazes de cobrar mais, que querem produtos diferenciados”, pressagia.

Emerson Trindade Acosta,
estudante do 8.º semestre de
Jornalismo da UFRGS



Teoria das Cooperativas Camponesas

Alexander Chayanov | Tradução de Regina Vargas
Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017
291 páginas
R\$ 50,00 (preço médio)



TVs públicas: memórias de arquivos audiovisuais

Nádia Maria Weber Santos e Ana Luiza Coiro Moraes (orgs.)
São Leopoldo: Oikos Editora, 2016
320 páginas | R\$ 35 (preço médio)

Educação e memória

O que é televisão pública? Para que e para quem serve? O que diz sobre o presente e o passado de uma comunidade? São essas algumas das reflexões presentes em *TVs públicas: memórias de arquivos audiovisuais*, obra organizada pelas pesquisadoras Nádia Maria Weber Santos e Ana Luiza Coiro Moraes. Concebido a partir de uma pesquisa sobre a memória e o patrimônio da Fundação Piratini que iniciou em 2014, o livro surge da necessidade de se expandir o entendimento sobre como a TV pública e seus produtos são estudados no campo acadêmico. A publicação, que é dividida em três partes, reúne artigos que pensam essa modalidade de emissora sob diversos ângulos, desde sua função educativa até seu papel na construção e salvaguarda da memória social e coletiva de uma sociedade. Lançado no mesmo ano em que foi aprovada a extinção da Fundação Piratini, responsável pelas atividades da FM Cultura e da TV Educativa, o livro hoje ganha ainda mais relevância. Segundo o artigo que abre a primeira parte, escrito

pelas próprias organizadoras, o acervo da TVE conta com mais de 16 mil fitas, constituindo potencial patrimônio histórico e cultural da sociedade gaúcha – por isso, mereceria mais atenção e cuidado de órgãos governamentais. As autoras denunciam a precariedade da manutenção dos documentos, o que acontece devido à falta de investimentos e de funcionários, entre outros fatores. Essa denúncia reaparece em outro artigo, já na segunda parte do livro, que também analisa o acervo audiovisual da TVE e resalta a importância de uma atitude transformadora, sugerindo alternativas para as questões arquivísticas envolvidas. Dentre elas, a criação de novos planos de ação emergenciais que visem a minimizar os riscos de deterioração deste material e, principalmente, a mudar a cultura institucional, para que sejam estimulados projetos de parceria que mantenham o acervo, tornando-o mais acessível e, consequentemente, preservando parte da memória da televisão e da cultura gaúcha e brasileira. (Natalia Henkin)



A persistência da memória

Zilá Bernd
São Leopoldo: Besouro Box, 2018
172 páginas | R\$ 45 (preço médio)

A herança na literatura

A persistência da memória, da pesquisadora e doutora em letras Zilá Bernd, é um compilado de artigos que tratam de romances memoriais e de filiação de escritores das literaturas brasileira, antilhana e quebequense, relacionando os conceitos de anterioridade (quando o narrador recorre à família ou a um personagem mítico para falar de si) e interioridade (quando o autor fala de si pela perspectiva autoficcional). Na primeira parte, a autora apresenta as teorias da memória cultural, inter e transgeracional. Na segunda parte, Bernd analisa as obras de autores brasileiros, como Conceição Evaristo, Eliane Brum, Adriana Lisboa e Moacyr Scliar, antilhanos, como Simone e André Schwartz-Bart, e quebequenses, como Louise Dupré e Francine Noel. Por fim, a pesquisadora propõe uma reflexão sobre o imaginário das Américas e os conceitos de memória social e coletiva, incluindo aquilo que foi apagado ou esquecido pelos poderes hegemônicos da sociedade. Com termos conceituais, a princípio um pouco

confusos, como romance memorial e de filiação e saga, mas que se mostram acessíveis na medida em que as obras são destrinchadas, Bernd consegue deixar clara a transformação que os romances sofreram nesses três lugares. Após a saturação do “eu”, a produção literária voltou-se para a exploração da anterioridade, da conexão com os antepassados e da herança que eles deixavam, que pode ser herdada ou negada pelo narrador presente. Em *Olhos d'água*, por exemplo, de Conceição Evaristo, a narradora não consegue lembrar da cor dos olhos da mãe, ela apenas recorda de momentos em que a mãe estava sempre com os olhos úmidos. Conceição também evoca em suas narrativas a ancestralidade da mulher negra que veio sob a condição de escrava para o Brasil, e as consequências disso para as gerações seguintes. Assim, *A Persistência da Memória* trabalha todos os outros autores, evidenciando o que há de herança e negação da memória cultural nas personagens das narrativas. (Bárbara Lima)